

Doença do fechamento

Rogério L. Furquim Werneck*

Contas externas cada vez mais sólidas, na esteira de um surto intenso e prolongado de exportações, vêm causando inexorável apreciação do câmbio. Em meio ao clima de perplexidade e à natural apreensão dos exportadores, criou-se caldo de cultura propício ao surgimento de explicações estapafúrdias para o que vem ocorrendo no mercado cambial. Há quem se apresse a diagnosticar que o Brasil apresenta sintomas claros de um distúrbio clássico que a literatura registra como *doença holandesa*. E há até quem, remexendo velho baú de idéias equivocadas, veja o País entregue a irresponsável projeto de desindustrialização. Continua a haver, contudo, grande resistência ao reconhecimento da importância de um fato elementar que conspira contra a rentabilidade das exportações. O lado da demanda, no mercado cambial, permanece atrofiado pela política de compressão de importações, que a cada dia se torna mais injustificável.

É improvável que o quadro de excesso de oferta no mercado cambial vá desaparecer de repente, como por encanto. Muita esperança vem sendo depositada na idéia de que a simples distensão da política monetária será suficiente para repor o câmbio em patamar mais confortável para os exportadores, na medida em que desestimule influxos de capitais. Mas tais influxos não são movidos apenas pelo diferencial entre taxas de juros interna e externa. Num cenário eleitoral, bastante plausível, de polarização entre candidatos à presidente vistos com bons olhos pelos investidores, é bem possível que o otimismo acerca das perspectivas da economia traga ao País influxos ainda mais fortes de capital externo em 2006, mesmo que as taxas de juros internas tenham sofrido queda substancial.

A preservação da rentabilidade das exportações deverá exigir medidas que reduzam a enorme assimetria que se estabeleceu nas contas comerciais, depois do *boom* exportador dos últimos anos. Com um superávit comercial da ordem de 6% do PIB, não é surpreendente que o câmbio continue pressionado. Para impedir que o mercado reencontre seu equilíbrio pela simples apreciação cambial, a demanda de importações tem de começar a ser descomprimida. É verdade que essa demanda já vem aumentando. E mais deverá aumentar à medida que o crescimento da economia se acelere nos próximos meses e que a importação de bens de capital cresça, a reboque da recuperação do investimento. Mas esse aumento já previsto das importações continuará sendo fatalmente acanhado, enquanto estiver limitado pelas políticas que hoje cerceiam a demanda de produtos importados. E poderá se revelar insuficiente para reverter o quadro de excesso de oferta que se instalou no mercado cambial.

Com importações da ordem de 10% do PIB, o Brasil continua tendo uma das economias mais fechadas do mundo. Setores que há 50 anos vêm brandindo com sucesso o argumento de indústria nascente continuam beneficiados por níveis de proteção tarifária indefensavelmente altos, acrescidos agora da cobrança do PIS e da Cofins sobre importações. O mais curioso é que a atual exuberância das contas comerciais não parece ter afetado em nada a tenacidade do *lobby* protecionista no País. A se julgar por manifestações que vêm aflorando na mídia, nunca se chegará ao momento propício para se abrir a economia. Quando o País se debatia com contas externas precárias, a redução de tarifas era vista como uma insanidade que não levava em conta a gravidade da restrição cambial que vinha sendo enfrentada. Agora, quando a economia afinal se mostra capaz de gerar um superávit comercial de US\$ 40 bilhões, após gigantesco esforço de ajuste externo, o que se alega é que, com o câmbio apreciado, a liberalização de importações continua sendo proposta insana.

É fundamental que custos e benefícios da manutenção das atuais barreiras à importação sejam publicamente rediscutidos com transparência, para que se possa ampliar a coalizão política capaz de fazer face ao *lobby* protecionista no País e viabilizar abertura criteriosa da economia. Os exportadores devem entender que a preservação dessas barreiras é um dos fatores que mais conspiram contra a rentabilidade das exportações. Muito ao contrário do que apregoava o slogan oficial de outros tempos, já é hora do País perceber que, por mais de uma razão, é importando que se exporta.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.